

Rabo Preso

J. Roberto Whitaker Penteado

Se há dois momentos importantes na MPB (entre muitos outros, reconheço), um deles ocorre em 1974, quando Chico Buarque - usando o pseudônimo Julinho da Adelaide, para proteger-se dos ditadores de plantão, em parceria com Leonel Paiva, compõe "Acorda Amor". A letra era: - Acorda, amor, eu tive um pesadelo agora; sonhei que tinha gente lá fora, batendo no portão - que aflição. Era a dura, numa escura viatura. Minha nossa, santa criatura. Chame, chame, chame lá, chame, chame o ladrão, chame o ladrão.

O outro ocorre em 1981. Ary do Cavaco (pseudônimo de Ary Alves de Souza) em parceria com Beбето di São João (né Carlos Alberto dos Santos) criam música e letra de um samba para Os Originais do Samba - Reunião de Bacana - assim: Todo mundo cantando esse refrão, Se gritar pega ladrão, não fica um meu irmão; se gritar pega ladrão, não fica um.

Claro que essas reflexões me foram provocadas pela "atual conjuntura" - expressão que, se não me engano, nasceu nos anos 50, durante a febre desenvolvimentista do governo JK e quando havia - também - uma revista, tipo Seleções, chamada Conjuntura Econômica. Bons tempos?

O Governo do Brasil não merece o povo que tem. Eis outra frase (de que o Google não me revelou a autoria) mas que percebo reforçada pelas análises sociopolíticas feitas por esses sábios da nossa MPB. Um, faz 31 anos - e, o outro, 21. Tempo de maioridade; tempo de aprender. Em 1946, nosso grande Monteiro Lobato já comentava: ...tenho medo de que o brasileiro fique mais sem-vergonha do que é. Referia-se aos governantes; não ao povo - pois fazia uma comparação epistolar entre o governo do Brasil e o dos Estados Unidos.

Durante muito tempo, o Brasil foi um país sem povo. Disse-o Louis Couty, biólogo francês, em 1881, perplexo diante de um contingente humano composto majoritariamente de escravos. As atividades criminosas - nem sempre ilegais - eram privilégio das classes dominantes, gente ligada à administração pública e uns poucos barões latifundiários.

Aos poucos, porém, foi nascendo o povo brasileiro - a quem o incansável João Ubaldo Ribeiro deu um Viva! literário e merecido. E esse povo sofreu, cresceu, sofreu mais, aprendeu, sofreu, sofreu - e, um dia, tornou-se sábio. Contemplou os seus governantes e disse: chame o ladrão - para me proteger dos meus protetores. E disse: não fica um, meu irmão; só ficamos nós, o povo.

Aproveito este texto e este espaço para lamentar o papel que está sendo desempenhado - nesse drama e farsa - pelos jornalistas. Diante do pistoleiro que prometeu (e cumpriu) que cairia atirando, os nossos colegas escolhidos para a inquirição, foram repreendidos pelo próprio Roberto Jefferson: - Por que vocês não perguntam coisas novas? A resposta é simples: porque preferem não saber. Da mesma forma que o ex-partido dos trabalhadores transformou-se em parte do poder, também a imprensa faz parte dele. Aliás, é chamada de O Quarto Poder desde o século 18, na Inglaterra, quando a sociedade se deu conta da força que ela detinha (então, para o bem, contra os opressores).

A muito poucos interessa uma devassa geral. Na massa poderosa, corrupta e culpada, um tem o rabo preso com outro que tem o rabo preso com outro que tem o rabo preso com outro que tem ... enfim, você sabe. Isso inclui quase todo mundo. Menos, como já disse - é claro - o povo, você e eu.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Rabo Preso. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=240&ID=276>>. Acesso em: 28 ago. 2009.